

Entre encruzilhadas e afetos: minha trajetória docente no Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF

Between crossroads and affections: my teaching career at João XXIII Application School/UFJF

Entre encrucijadas y afectos: mi trayectoria docente en el Colegio de Aplicación João XXIII/UFJF

Bruna Quartarolo Vargas¹

Professora do Instituto Federal de São Paulo, São José dos Campos/SP, Brasil

Recebido em: 25/09/2025

Aceito em: 21/10/2025

Resumo

Este relato de experiência reconstitui criticamente minha trajetória de nove anos (2016-2025) como professora de Língua Inglesa no Colégio de Aplicação João XXIII (CAp) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), abordando vivências multifacetadas na docência, formação de professores, gestão e pesquisa. O texto articula a narrativa autobiográfica com referenciais teóricos como a Teoria Sociocultural de Vigotski, os estudos decoloniais e a Pedagogia das Encruzilhadas. O objetivo é refletir sobre os processos de mediação pedagógica, os atravessamentos relacionais e a escola como espaço de produção de conhecimento. A metodologia baseia-se na memória reflexiva e na análise da pesquisa de doutorado desenvolvida no CAp, cujos resultados evidenciam o Desenvolvimento Mediado como potência transformadora. Conclui-se reafirmando a educação pública como território de resistência, afeto e esperança.

Palavras-chave: Trajetória docente. Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF. Desenvolvimento mediado.

Abstract

This experience report critically reconstructs my nine-year trajectory (2016-2025) as an English teacher at the João XXIII Application School (CAp), addressing the multifaceted experiences in teaching, teacher training, management, and research. The text articulates an autobiographical narrative with theoretical frameworks such as Vigotski's Sociocultural Theory, decolonial studies, and the Pedagogy of Crossroads. The aim is to reflect on pedagogical mediation processes, relational encounters, and the school as a space for knowledge production. The methodology is based on reflective memory and the consideration of the doctoral research developed at the school, whose results highlight Mediated Development as a transformative force. The conclusion reaffirms public education as a territory of resistance, affection, and hope.

Keywords: Teaching career. João XXIII Application School/UFJF. Mediated development.

Resumen

Este relato de experiencia reconstituye críticamente mi trayectoria de nueve años (2016-2025) como profesora

¹ bruna.vargas@ifsp.edu.br

de Lengua Inglesa en el Colegio de Aplicación João XXIII (CAp), abordando mis vivencias multifacéticas en la docencia, formación de profesores, gestión e investigación. El texto articula la narrativa autobiográfica con referenciales teóricos como la Teoría Sociocultural de Vigotski, los estudios decoloniales y la Pedagogía de las Encrucijadas. El objetivo es reflexionar sobre los procesos de mediación pedagógica, los atravesamientos relationales y la escuela como espacio de producción de conocimiento. La metodología se basa en la memoria reflexiva y en el análisis de mi investigación doctoral desarrollada en el CAp, cuyos resultados evidencian el Desarrollo Mediado como potencia transformadora. Se concluye reafirmando la educación pública como territorio de resistencia, afecto y esperanza.

Palabras clave: Trayectoria docente. Colegio de Aplicación João XIII/UFJF. Desarrollo mediado.

Introdução

Início este relato situando minha atual filiação institucional: o Instituto Federal de São Paulo. Essa informação, aparentemente desconexa em um texto dedicado à experiência no Colégio de Aplicação João XXIII (doravante CAp), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), revela-se fundamental para compreender a natureza itinerante e transformadora da trajetória docente. Em uma das muitas encruzilhadas que a vida me apresentou, precisei seguir um novo rumo e afastar-me do CAp em fevereiro de 2025. Embora não faça mais parte de seu corpo docente, minha identidade profissional está indelevelmente marcada pelos quase nove anos em que atuei nessa instituição, período no qual a escola completou 60 anos de existência.

Minha trajetória no CAp iniciou-se em meados de 2016, quando ingressei como professora de Língua Inglesa. Uma paulistana de nascimento, carioca de criação e potiguar de coração, cheguei em Juiz de Fora após oito anos residindo em Natal – Rio Grande do Norte. Essa etapa de minha vida representou não apenas uma mudança geográfica e um novo rumo nos caminhos da vida, mas a realização de um sonho: integrar a rede pública federal de ensino. Esse movimento foi atravessado por expectativas, inseguranças e a certeza de estar adentrando um espaço formativo singular.

Escrever este relato não se resume, no entanto, a uma reconstituição cronológica de minhas atividades acadêmicas e profissionais, mas constitui uma tentativa de tecer, pela memória reflexiva, os fios que compuseram uma complexa teia de experiências – fios feitos de vivências, mudanças, expectativas, sucessos, frustrações, planejamentos, aulas, reuniões, conflitos, mediações e, sobretudo, atravesamentos e afetos. Isso porque a escola, antes de ser uma instituição, é um organismo relacional onde se cruzam histórias, corpos, saberes, vozes e silêncios. Foi nesse complexo cruzamento que aprendi, na prática, que educar, ensinar e aprender são atos profundamente dialéticos, políticos e éticos.

Ao longo do meu período no CAp busquei realizar uma atuação intencionalmente plural: além da docência nos três segmentos da educação básica, participei de comissões, realizei pesquisas, interagi com estudantes, responsáveis e colegas, organizei o programa de intercâmbio com a Dinamarca, orientei residentes docentes, supervisei estagiários de Letras/UFJF e bolsistas PIBID, coordenei o curso de inglês do programa Idiomas Sem Fronteiras a convite da Diretoria de Relações Internacionais da UFJF e exercei, por dois anos, a vice coordenação do Ensino Médio. Cada função me desafiou a olhar a escola por ângulos distintos, revelando suas complexidades, contradições e potência transformadora.

Minha saída em 2025, motivada por intensas necessidades familiares, não apaga a densidade desse percurso. Pelo contrário: confere-lhe o caráter de incompletude que marca os processos formativos genuínos. A despedida do CAp não significou a anulação do vínculo, mas sua transmutação em memória ativa e fonte de reflexão permanente.

Neste texto, busco articular a narrativa dessa trajetória com os referenciais teóricos que a iluminaram. Dentre eles, a teoria sociocultural de Vigotski² (1987, 1998), que ofereceu chaves para compreender a aprendizagem como processo mediado; as lentes decoloniais de Quijano (2005), Walsh (2009) e Mignolo (2017), que me permitiram questionar hierarquias de saber; e a pedagogia das encruzilhadas de Rufino (2019), que me sensibilizou para os encontros – tensos e potentes – que constituem o espaço escolar. Além disso, narro sobre minha pesquisa de doutorado desenvolvida no CAp entre os anos de 2018 e 2021, que teve como mote investigar processos de desenvolvimento mediado em língua inglesa, reforçando minha convicção na escola pública como espaço fértil para produção de conhecimento significativo.

Minha intenção com este relato é que estas páginas escrevam e descrevam minha passagem pelo CAp, ao mesmo tempo em que sirvam de testemunha da potência da educação pública como campo de resistência e (re)invenção, com o intuito de inspirar outros educadores a enxergarem suas trajetórias não como sequências lineares, mas como tramas complexas onde se constrói, cotidianamente, a possibilidade de um mundo fluido e mais justo.

O fazer docente no CAp: vivências e atravessamentos

² O nome deste cientista é encontrado com diferentes grafias (Vigotski, Vigotsky, Vygotsky, Vygotskii ou Vigotskii) por se tratar da tradução de um nome russo (Лев Семёнович Выготский), escrito no alfabeto cirílico. Por isso, não há uma relação direta com o alfabeto da língua portuguesa (PRESTES, 2010). Por isso, como Prestes, pesquisadora e tradutora da vida e obra de Vigotski, adoto esta grafia por se aproximar mais ao português, apenas modificando-a em citações de outros pesquisadores.

Leccionar no Colégio de Aplicação significou, desde o início, lidar com uma multiplicidade de demandas. Dentre elas, a formação discente na educação básica, a formação inicial de professores e a participação em uma infinidade de atividades e projetos institucionais. Inspirada em uma prática pedagógica balizada pela teoria sociocultural de Vigotski (1987, 1998), que compreende a aprendizagem como processo social de mediação, busquei criar espaços de (trans)formação interativos, onde os alunos pudessem se reconhecer como sujeitos de linguagem capazes de agir no mundo por meio da aprendizagem de língua inglesa. Ao longo dos anos, estratégias como dramatizações, debates, análise crítica de letras de música, projetos e uso de tecnologias digitais visavam não apenas à proficiência linguística, mas à formação crítica e cidadã. A aprendizagem era encarada como processo de aprendizagem-e-desenvolvimento (Newman; Holzman, 2002), em que a atividade conjunta tinha como destino a criação de oportunidades para a realização de zonas de desenvolvimento proximal (ZDPs) (Vigotski, 1987, 1998). Em outras palavras, oportunidades para que pares menos experientes pudessem realizar seu potencial de aprendizagem com o auxílio de pares mais experientes.

Essa abordagem, que busca dialogar com o que Paulo Freire (1996) denominou de "educação como prática da liberdade", não foi seguida ao acaso. Sendo o meu local de atuação profissional um colégio de aplicação, a própria natureza institucional colocava-se como demanda para a busca de uma prática docente para a (trans)formação social. Ao incentivar os estudantes a se expressarem sobre temas relevantes em inglês, buscava-se romper com a visão da língua estrangeira como instrumento neutro, apresentando-a como ferramenta de diálogo intercultural capaz de ampliar repertórios sem apagar identidades locais.

Outro eixo fundamental do qual pude participar no CAp foi a formação de professores, por meio da orientação de residentes docentes³ e supervisão de estagiários de Letras/UFJF. Acompanhar futuros professores em seus primeiros passos foi experiência profundamente transformadora. As discussões coletivas, observações e reflexões durante e pós-aulas geraram não apenas a publicação de textos científicos, como Vargas e Guarilha (2021), mas também a participação em eventos acadêmicos e a criação de ricos espaços de aprendizagem recíproca, onde percebi a força do que Freire (2013) chamou de "inéditos viáveis" – possibilidades pedagógicas que emergem da práxis coletiva.

Dentre os trabalhos realizados com professores em formação, destaco o trabalho da residente

³ A Residência Docente do CAp. é um programa de formação continuada para professores licenciados em até três anos, instituída na UFJF em 2018. Ela tem como função “aprimorar a formação da/o professora/or da Educação Básica [...], visando complementar a educação recebida na Instituição de Ensino Superior de origem com a vivência em ambiente escolar” (UFJF, 2018, p. 2).

Adriana Miranda, "Learning to fly: um dicionário de bordo de uma professora em devir", no qual a estudante narra suas percepções sobre a complexidade escolar durante o programa de residência. Sua narrativa, atravessada por uma perspectiva sociocultural, evidencia a importância da formação continuada calcada nas relações entre pares mais experientes e menos experientes, para o desenvolvimento docente.

Por último, mas não menos importante, destaco os dois anos em que atuei como vice coordenadora do Ensino Médio. Nesse período, foi quando pude me aproximar das dimensões administrativas e políticas da gestão escolar, sem, no entanto, deixar o chão de sala de aula. Ao ocupar esse lugar, inspirada por Santos (2007), compreendi a escola como espaço de disputas epistemológicas, onde diferentes saberes se encontram e confrontam. Foi nas diversas e intensas demandas cotidianas desse cargo que me percebi não somente como docente, mas como professora e gestora em processo de (re)construção. Entre relações intensificadas com servidores, funcionários terceirizados, docentes, discentes e seus responsáveis, imbricadas em muitos conflitos e êxitos, a organização de sistemas e esquemas para o funcionamento do segmento, e a gestão dos espaços escolares, foi preciso implementar uma gestão dialética, dialógica e aberta a perspectivas decoloniais, questionando hierarquias e promovendo a valorização de múltiplos conhecimentos. Lidar com conflitos e buscar a implementação de mudanças exigiu o desenvolvimento de escuta atenta, a busca por capacitação para mediação, e a compreensão da gestão como prática pedagógica e política.

Pesquisa e prática: entrelaçamentos no chão da escola

Para além das práticas docentes e de gestão escolar, o CAp foi também palco para o meu desenvolvimento como pesquisadora. Durante o período em que lá atuei, realizei e publiquei pesquisas, como Vargas (2021) e Vargas e Guarilha (2021), que tinham como objetivo relatar as atividades desenvolvidas com estagiários dentro da escola. Ainda, publicações como Vargas (2019), Souza e Vargas (2021) e Nicolaides, Braga e Vargas (2021) buscaram descrever contextos de uso de análise de material didático, relações de conflito como ferramentas mediadoras para a aprendizagem e o desenvolvimento e os usos de questionários como um instrumento de autorreflexão para a formação docente.

Ainda, conforme já mencionado anteriormente, o CAp foi o cenário para minha pesquisa de doutorado (Vargas, 2021), desenvolvida no Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018-2021). De natureza quanti-qualitativa e orientação

interpretativista, o estudo investigou o Desenvolvimento Mediado (Poehner; Infante, 2015; 2019) em interações em língua inglesa à luz da teoria sociocultural (Vigotski, 1998; Lantolf, 2000; Rego, 1994).

A pesquisa (cf. Vargas, 2021) foi concebida "na escola e para a escola". Em 2019, acompanhei alunos do CAp, que cursavam o Ensino Médio e eram participantes da quarta edição do intercâmbio com uma escola dinamarquesa: o Mariagerfjord Gymnasium⁴. O corpus, analisado através da Teoria Fundamentada nos Dados (Glaser; Strauss, 2017) com apoio do software ATLAS.ti⁵, incluiu gravações de sessões (cujo intuito era auxiliar na preparação para apresentações que os estudantes brasileiros deveriam realizar em inglês na escola dinamarquesa), narrativas, questionários e registros de interação, com aprovação no Comitê de Ética⁶ (Plataforma Brasil).

Em linhas gerais, os resultados demonstraram que a mediação pedagógica intencional (ou seja, realizada pelo par mais experiente com a nítida intenção de promover reflexão para aprendizagem que leva ao desenvolvimento) transcende a dimensão linguística, atuando como força propulsora do desenvolvimento humano integral. Nesse cenário, o desenvolvimento mediado mostrou-se como processo dinâmico e relacional que potencializa a agência discente, a autorregulação e a construção de significados pessoais e coletivos. Ainda, a mediação focada no planejamento estratégico e no encorajamento à autoria favoreceu a emergência de zonas de desenvolvimento proximal, nas quais os estudantes desenvolveram não apenas proficiência linguística, mas competências socioemocionais e críticas.

Nas interações realizadas na pesquisa, a língua inglesa funcionou como artefato cultural para expressão de vozes e posicionamentos políticos, corroborando a noção vigotskiana da aprendizagem como ato social dialógico. Um achado central destacou o papel determinante das *perejivania*⁷ (Vigotski, 1994) – experiências vivenciadas e singularmente interpretadas – no processo de mediação. A escuta sensível e o reconhecimento das histórias prévias mostraram-se fundamentais para criar vínculos de confiança e percursos formativos significativos.

A investigação evidenciou ainda a natureza coletividual⁸ do desenvolvimento (Stetsenko, 2013a),

⁴ O programa de intercâmbio é o resultado de um convênio entre a UFJF, à qual o CAp está vinculado, e a referida escola dinamarquesa. No ano de 2019 (em que foram gerados os dados) o projeto estava em sua quarta edição.

⁵ Programa Computacional para Análise de Dados Qualitativos (tradução da sigla em inglês CAQDAS – Computer-Assisted – or Aided - Qualitative Data Analysis Software).

⁶ A pesquisa de doutorado foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFJF e obteve parecer favorável, de número 3.077.603.

⁷ Conforme demonstrado em Vargas (2021, p. 78), a "perejivanie é uma palavra russa de difícil tradução literal, que revela a relação entre o social e o individual, ou seja, a forma como sujeitos representam suas vivências de experiências sociais".

⁸ Tradução do termo em inglês *collectividual* (Stetsenko, 2013a), que representa uma força capaz de impulsionar esforços e

em que docente e discentes constroem juntos os sentidos em relação de reciprocidade transformadora. A mediação revelou-se prática dialógica que redefiniu papéis e possibilidades de ação, reafirmando a educação como ato político, ético e estético capaz de desafiar hierarquias de saber.

Atravessamentos e afetos: a escola como território relacional

Minhas vivências e experiências no Colégio de Aplicação João XXIII desvelaram a escola como um organismo vivo, palco de encontros e desencontros, onde a dimensão relacional se mostrou fundamental para compreender os processos educativos em sua complexidade. Mais do que uma instituição com estrutura física e hierárquica definida, o CAp revelou-se um espaço de intensa produção de subjetividades, onde afetos e conflitos constituíam a matéria-prima do trabalho pedagógico.

Os atravessamentos no ambiente escolar manifestavam-se de múltiplas formas: desde as micropolíticas cotidianas nas relações entre professores até os embates institucionais que refletiam tensões sociais mais amplas. Lembro-me vividamente de como as diferenças geracionais no corpo docente acentuavam divergências sobre metodologias de ensino, revelando como a escola concentra em si mesma as contradições do seu tempo histórico. Esses embates, longe de serem meros obstáculos, transformavam-se em oportunidades privilegiadas para repensar práticas cristalizadas e revisar posicionamentos.

A convivência com os estudantes constituía outro eixo fundamental desses atravessamentos. Adolescentes em formação traziam para o espaço escolar não apenas suas demandas de aprendizagem, mas suas histórias familiares, suas angústias existenciais, suas descobertas políticas e afetivas. A sala de aula transformava-se, assim, em um território onde o currículo formal dialogava permanentemente com as experiências de vida dos jovens. Ensinar inglês significava, nesse contexto, muito mais do que transmitir estruturas linguísticas: era mediar encontros entre culturas, facilitar o acesso a repertórios globais sem apagar as raízes locais, criar pontes entre universos simbólicos distintos.

Os afetos que permeavam essas relações não se limitavam à esfera individual ou privada. Pelo contrário, constituíam forças coletivas que podiam tanto potencializar quanto obstruir processos educativos. Havia dias em que a atmosfera da escola se carregava de uma energia particular – seja pela tensão diante de eventos institucionais importantes, seja pela euforia coletiva diante de conquistas

lutas em busca de uma participação mais ativa e crítica de todos os envolvidos no processo educacional.

estudantis. Esses estados de ânimo compartilhados demonstravam como o ambiente escolar possui uma dimensão quase climática, onde humores e emoções circulam e se contaminam mutuamente.

Como vice coordenadora do Ensino Médio, pude testemunhar como os conflitos entre estudantes frequentemente traziam para a superfície tensões sociais mais profundas – diferenças de classe, disputas territoriais, questões raciais não resolvidas. Mediar esses conflitos exigia muito mais do que aplicar regras disciplinares: demandava a capacidade de escutar narrativas silenciadas, reconhecer dores invisibilizadas e construir caminhos de reconciliação que considerassem as assimetrias de poder existentes.

A gestão democrática, nessa perspectiva, mostrou-se menos como um modelo administrativo e mais como uma prática relacional cotidiana. As inúmeras reuniões, por vezes exaustivas, representavam espaços onde diferentes visões de mundo se encontravam e se confrontavam. Aprendi que a verdadeira democracia escolar não reside na ausência de conflitos, mas na capacidade de transformá-los em oportunidades de crescimento coletivo e respeito mútuo.

O programa de intercâmbio com a Dinamarca, por exemplo, gerou uma série de atravessamentos particularmente significativos. A seleção dos participantes, os critérios de financiamento, as expectativas familiares – tudo isso criou um campo de tensões que precisava ser cuidadosamente negociado. No entanto, foram justamente esses desafios que permitiram repensar práticas estabelecidas e construir alternativas mais inclusivas. As relações humanas no espaço escolar mostraram-se complexas e desafiadoras. Conflitos, divergências e limitações institucionais fizeram parte do cotidiano, mas representaram também oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Aprendi, na prática, sobre escuta, negociação, resiliência e empatia.

Essa orientação articula-se à Pedagogia das Encruzilhadas (Rufino, 2019), que compreende a escola como espaço de encontro de múltiplas vozes e saberes. No cotidiano do CAp, vivenciei encruzilhadas pedagógicas, institucionais e pessoais que me ensinaram a valorizar caminhos não planejados e afetos emergentes do encontro com o outro. A escola, nesta perspectiva, é território de celebração da diferença e construção de conhecimentos através do diálogo entre epistemologias diversas.

A convivência com colegas, funcionários terceirizados, gestores, técnicos, estudantes e seus responsáveis revelou que a escola é, fundamentalmente, espaço de encontros e (re)significações (nem sempre fáceis!). São esses laços – tensionados, mas pavimentadores – que têm o poder de sustentar a prática educativa e tornar possível a construção de projetos comuns. A educação mostrou-se, acima de

tudo, prática relacional onde os afetos desempenham papel crucial no engajamento e desenvolvimento de todos os envolvidos.

Considerações finais

Ao revisitar criticamente minha trajetória no Colégio de Aplicação João XXIII, percebo que os quase nove anos que compartilhei com essa instituição representam muito mais do que um período profissional: configuram-se como um processo contínuo de (re)construção identitária, tanto pessoal quanto docente. Dos sessenta anos de história do CAp, tive o privilégio de participar de aproximadamente um sexto dessa jornada – tempo suficiente para compreender que a educação pública de qualidade se faz na confluência entre resistência institucional, ousadia pedagógica e compromisso ético com a transformação social.

A experiência de lecionar Inglês nos três segmentos da educação básica, orientar residentes docentes, supervisionar estagiários, coordenar projetos e participar da gestão escolar me permitiu vivenciar a escola em sua complexidade multifacetada. Cada uma dessas funções revelou diferentes dimensões do mesmo universo educativo, mostrando-me que a verdadeira inovação pedagógica não reside em fórmulas prontas ou modismos passageiros, mas na capacidade de criar espaços dialógicos onde professores e estudantes possam cocriar conhecimentos significativos.

Ainda, minha pesquisa de doutorado, desenvolvida no CAp entre 2018 e 2021, que investigou processos de desenvolvimento mediado em língua inglesa, não apenas consolidou minha formação acadêmica, mas também reforçou minha convicção de que a escola pública é espaço privilegiado para a produção de conhecimento contextualizado e socialmente relevante.

Na esteira desse pensamento, os referenciais teóricos que orientaram minha prática – a teoria sociocultural, os estudos decoloniais e a pedagogia das encruzilhadas – mostraram-se não apenas como ferramentas de análise, mas como lentes éticas que me permitiram enxergar a educação como prática de liberdade e resistência.

A decisão de me afastar do CAp em fevereiro de 2025, motivada por incontestáveis necessidades familiares, não significou, para mim, o rompimento com os valores e aprendizados construídos nessa instituição. Pelo contrário: a experiência no colégio segue viva em minha prática docente atual, reafirmando que a verdadeira formação é um processo contínuo que transcende fronteiras

institucionais. Levo comigo não apenas as teorias estudadas ou as atividades realizadas, mas principalmente os afetos, os atravessamentos, os diálogos e os saberes construídos coletivamente.

Que este relato possa inspirar outros educadores a enxergarem suas trajetórias como narrativas em constante construção, nas quais os desafios não precisam ser encarados são obstáculos, mas como oportunidades de crescimento e reajuste de rota; onde os conflitos não são fracassos, mas convites ao diálogo; onde os afetos não são acessórios, mas fundamentos da prática educativa. A escola pública em que acredito e a qual defendo precisa se construir no cotidiano de milhares de professores que, como eu, persistem na certeza de que a educação é o mais potente instrumento de transformação social.

O CAp João XXIII, em seus sessenta anos de existência, representa essa resistência esperançosa. E eu fico grata por ter feito parte dessa história, levando em minha bagagem profissional a certeza de que, nas palavras de Paulo Freire (1996), "ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo". Que possamos seguir mediatizando mundos mais justos, dentro e fora das salas de aula, na constante busca por uma educação verdadeiramente libertadora.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. 245 p.

GLASER, Barney.; STRAUSS, Anselm. **The discovery of grounded theory**: strategies for qualitative research. New Jersey: Aldine Transactions, 2017. E-book. 598p.

LANTOLF, James. **Sociocultural theory and second language learning**. Oxford: Oxford University Press, 2000. E-book. 7188 p.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2017.

MIRANDA, Adriana. **Learning to fly**: um dicionário de bordo de uma professora em devir. 52 f. Trabalho de formação docente – especialização em Residência Docente (manuscrito) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2023.

NEWMAN, Fred; HOLZMAN, Lois. **Lev Vygotsky**: Revolutionary Scientist. New York: Routledge, 2002.

NICOLAIDES, Christine; BRAGA, Junia; QUARTAROLO VARGAS, Bruna. O uso de um instrumento de

autorreflexão em um contexto de formação inicial de professores de línguas com vistas ao desenvolvimento do letramento crítico e à transformação social - a autonomia sociocultural, as tecnologias e suas inter-relações. **Calidoscópio** (UNISINOS), v. 19, p. 494-508, 2021.

POEHNER, Mathew; INFANTE, Paolo. Mediated development and the internalization of psychological tools in second language (L2) education. **Learning, Culture and Social Interaction**, Amsterdã, vol. 22, p. 1-14, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2210656119301114>. Acesso em: 22 nov. 2019.

POEHNER, Mathew.; INFANTE, Paolo. **Mediated development**: A pedagogical framework for interlanguage pragmatics. In: **Language and Sociocultural Theory**, v. 2, n. 1, p. 1-28, 2015.

PRESTES, Zolia. **Quando não é quase a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercuções no campo educacional. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

QUARTAROLO VARGAS, Bruna; NICOLAIDES, Christine. Entrevista com Adolfo Tanzi Neto: uma perspectiva sócio-histórico-cultural do ensino híbrido e suas tecnologias. **ILHA DO DESTERRO**, v. 74, p. 493-504, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

REGO, Tereza Cristina. **Vigotski**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 140 p.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 78, p. 3-46, 2007. Disponível em <http://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em 23 de setembro de 2025.

SOUZA, Patrícia Martins; VARGAS, Bruna Quartarolo. Cultura(s) em livros de inglês do Programa Nacional do Livro Didático: caminhos possíveis para uma educação intercultural crítica. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, v. 2, p. 105-130, 2021.

STETSENKO, Anne. **Teaching-learning and development as activist projects**: A Vygotskian perspective. In: **Journal of Curriculum Studies**, v. 45, n. 1, p. 1-20, 2013a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Projeto Residência Docente**. Juiz de Fora, 2018, p. 3.

VARGAS, Bruna Quartarolo; GUARILHA, Victória Alves. (Trans)formação de professoras de língua inglesa? duas narrativas, múltiplas histórias. **Revista Práticas de Linguagem**, v. 9, p. 56-65, 2020.

VARGAS, Bruna Quartarolo. Aulas online e o conflito como instrumento de aprendizado e transformação. **THE ESPECIALIST**, v. 40, p. 1-14, 2019.

VARGAS, Bruna Quartarolo. Avaliação dinâmica por pares: uma atividade de instrução-e-avaliação em busca da aprendizagem-e-desenvolvimento. **Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico Cultural e da Atividade**, v. 3, p. 1-26, 2021.

VARGAS, Bruna Quartarolo. **A mediação no desenvolvimento com alunos do ensino médio em interações em língua inglesa pelo prisma da teoria sociocultural**. 2021. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

VIGOSTKI, L. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 336 p.

VIGOSTKI, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 194 p.

VYGOTSKY, L. S. The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (orgs.). **The Vygotsky Reader**. Cambridge: Blackwell, 1994. p. 338-354.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad, Estado, Sociedad**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2009.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada por: Bruna Quartarolo Vargas.